

**SER-NO-MUNDO:
DESVELAR POÉTICO N'O LIVRO DAS IGNORÂÇAS**

Flavio Pereira Senra¹
Rafael Ottati²

RESUMO: O atual artigo pretende interpretar o livro de poesias intitulado *Livro das Ignorâças*, de Manoel de Barros. Para tal, valer-nos-emos do complexo conceito de Ser-no-mundo, conforme proposto pelo filósofo alemão, Martin Heidegger. A partir da discussão sobre o que é o *mundo* à volta do ser – até que ponto é o que ele vê e até que ponto é um construto eternamente “em construção” simbioticamente atrelado ao sujeito –, a desconcertante poesia analisada revelará a beleza do não dito, ressignificando até mesmo o que há de mais próximo a nós em nosso cotidiano. Pretensamente, este artigo tentará apontar que a matéria-prima da poesia de Manoel de Barros é o *thauma*: o espanto que toma conta do leitor da mesma, desde o título do livro em que está inserida, brincando com seus conceitos.

PALAVRAS-CHAVE: Ser-no-mundo; Manoel de Barros.

ABSTRACT: The present article aims at interpreting Manoel de Barros's *Livro das Ignorâças*. To achieve it, the complex concept of Being-in-the-world, as proposed by the German philosopher Martin Heidegger, will be evoked. Starting with the discussion upon the relation between the subject and the world surrounding them – whether that world is only what they see or, else, means something eternally in construction simultaneously with the individual – the astonishing poetry to be analyzed will reveal the beauty of “what-has-not-been-said-yet”, creating new meanings for the commonest of the things. Thus, this article tries to indicate that this poetry's raw material is what philosophers call *thauma*: the wonder that takes place on the readers while the poet plays with their most inner concepts.

KEYWORDS: Being-in-the-world; Manoel de Barros.

¹ Doutor em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, UFRJ. Pós-Doutorando pelo mesmo programa. E-mail: fpsenra@gmail.com.

² Mestrando em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, UFRJ. Bolsista da Capes. E-mail: rafael.ottati@gmail.com.

Embora expressões como “visão de mundo” tenham se tornado populares, o real sentido de “mundo” e a relação simbiótica entre o ser e o mundo à sua volta encontram-se veladas para boa parte da população, tornando-se, assim, objetos de reflexões filosóficas de difícil acesso. Acredita-se, popularmente, que a palavra mundo trata-se de um sinônimo para o planeta e que, por conseguinte, “visão de mundo” seria uma forma de opinião embasada em toda uma série de conhecimentos (empíricos ou não) conseguidos ao longo de algum tempo.

Mundo parece ser aquilo que se encontra mais próximo de nós, enquanto seres viventes. Nascermos em uma teia de elementos já nomeados, com significados já concebidos ao longo de incontáveis gerações anteriores a nós. Dessa maneira, apropriamo-nos diariamente de tal realidade já formada e acostumamo-nos com ela, moldando-a conforme nossa necessidade. Em outras palavras, criamos novas relações e refazemos determinadas ligações significantes com os elementos que nos circulam.

A própria noção do que é interior ao homem e do que é exterior a ele surge quando se questiona acerca do termo mundo: afinal, onde termina o homem, o ser, e onde começa aquilo que o cerca? Dão-se nomes às coisas e encaram-nas como objetos exteriores ao sujeito, porém, uma vez que o mundo à sua volta constrói-se parcialmente por intermédio de suas relações com esses objetos, poder-se-ia afirmar que há uma ligação fundamental entre sujeito e objeto. Que o “mundo exterior”, como a Filosofia denomina esse problema, nada mais é uma leitura feita pelo sujeito.

Os entes são quando aquilo que os faz ser, em outras palavras, quando aquilo que dá sentido à sua existência, desvela-se para, logo a seguir, tornar a revelar-se. Assim, quando os próprios objetos são considerados como separados do sujeito, a relação mesma entre eles e os sujeitos que os utilizam, constroem ou relacionam-se, encontra-se matizada por um princípio ordenador sistemático, que ignora o fulgor radiante que torna os objetos aquilo que eles são.

Porém, a poesia desde o seu início mostra-se justamente como uma máquina – na falta de metáfora melhor – de desconstrução, ou melhor, de reconstrução de significados. Ela causa espanto pela organização não linear, não sistemática e não lógica de seus elementos. Tais termos, aliás, estão sendo usados

no sentido mais popular e, por conseguinte, o mais negativo possível: o de um molde aparentemente fixo em que as relações de sentido entre sujeito e objeto encontram-se fossilizadas.

Por conta disso, o deparar-se com aquilo que não faz parte da teia de sentidos cotidiana causa nas pessoas estranhamento ao enfrentar poemas que justamente buscam toda uma nova (re-)significação do mundo – este mundo em que o ser habita. A desconstrução de sentidos para repaginá-los torna-se, assim, um empecilho à leitura fluente desse tipo de poesia. Porém, tal desconstrução é necessária, uma vez que objetiva-se o desembotamento das noções pré-concebidas que se têm no senso comum, além do dissolvimento das relações pré-fabricadas entre os sujeitos e os objetos que os circundam.

Este artigo, portanto, pretende discutir o conceito de mundo, mostrando um (não) sentido do mesmo diferente do popularmente conhecido. Para tal, a reflexão partirá de poemas contidos n' *O Livro das Ignorãças* (1993), de Manoel de Barros. A relação entre sujeito e objeto estará em foco, assim como o processo de significação do mundo à sua volta. Para dar suporte a tal reflexão, as provocações levantadas pelo filósofo alemão Martin Heidegger serão de grande valia.

ENSINANDO A (RE-)SIGNIFICAR

Conforme mencionado, há poetas que buscam o oposto da visão corrente da realidade. Novas significações, assim como problematizações do universo cotidiano em que os seres humanos estão imersos há séculos, fazem parte da criação poética deles. Como exemplo, o trecho abaixo, do poema “Uma Didática da Invenção” de Manoel de Barros:

- I
Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:
a) Que o esplendor da manhã não se abre com
faca
b) O modo como as violetas preparam o dia
para morrer
c) Por que é que as borboletas de tarjas
vermelhas têm devoção por túmulos
d) Se o homem que toca de tarde sua existência
num fagote, tem salvação
e) Que um rio que flui entre 2 jacintos carrega
mais ternura que um rio que flui entre 2

lagartos

f) Como pegar na voz de um peixe

g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.

Etc.

etc.

etc.

Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios. (BARROS, 2010, p. 299)

Já no primeiro item da lista feita pelo poeta, o trecho do poema citado acima dialoga com articulações frasais em níveis lógicos diversos da linguagem mais comum do cotidiano. Nem tanto por questões sintáticas, mas, sim, lexicais, da ordem da associação lógica das ideias, das conexões entre as palavras em uma frase e da linearidade do sentido linguístico. Tais conexões exploram o terreno da relação entre o homem e o mundo em que habita, como, por exemplo, o fato de que o objeto “faca” possa ser usado para “abrir” o “esplendor da manhã”, da mesma forma com que se abrem envelopes plásticos alimentícios ou feridas em um corpo. O conceito de abrir, utilizado inúmeras vezes ao longo de um único dia, neste caso, em nada auxilia o leitor desse poema enquanto experiência linguística. De igual maneira, o verbo “pegar”, geralmente sucedido por termos materiais, no poema é usado com um complemento que a na lógica corrente não é pegável: a voz. Corriqueiramente, vozes são ouvidas – ou melhor, são descritas em ações relacionadas a audição. O poeta, porém, joga com o sentido corrente das palavras, remodelando a existência do leitor em relação aquilo à sua volta.

Existe, nele, assim, uma nova roupagem das palavras: um pedido, em forma de poema, para que o leitor desnude-se dos conceitos previamente formados em sua mente, especialmente com relação àquilo que se encontra mais próximo de si. Desse modo, a leitura desse pequeno trecho do poema mostra-se como um convite a uma nova visão da realidade que cerca o leitor. O poeta explicita isso na segunda parte desse mesmo poema:

II

Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma. (BARROS, 2010, p. 300)

“Abrir”, “pegar”, “faca” e “pente” são alguns dos atos e objetos que o poema destaca, porém, os exemplos seriam incontáveis. É na nossa relação com

nós mesmos e com aquilo que nos circunda que o poema enfoca: desaprender o que nos foi ensinado desde que nascemos com relação ao que nos é mais próximo e mais corriqueiro. Precisa-se desaprender o mundo para desvelar um novo mundo para nós: um mundo passível de ressignificação, com formas mais livres, com relações a serem estabelecidas.

Para Martin Heidegger (2008, p. 256), filósofo alemão, o termo mundo – do grego “cosmos” e do latim “mundus” – significa vulgarmente o “ente *qua* natureza” e filosoficamente o “modo de ser do ente na totalidade”, isto é, “tão relacionado ao ser-aí que o próprio ser-aí é diretamente designado como mundo”. Desta maneira, o mundo inclui aquilo que se encontra exteriormente ao ser-aí *ao mesmo tempo* que o próprio ser-aí: participa-se do mundo integral e ininterruptamente, como o nomear os outros entes.

Não se pode, ainda de acordo com o filósofo, escapar do mundo: mundo é aquilo que pertence à existência em sua plenitude; é aquilo que circunda o viver do homem, em outras palavras – tanto que Heidegger diz que “ser-aí” não significa outra coisa senão ‘ser-no-mundo’”. O uso de hífen é imprescindível e crucial, neste caso: ele invoca a relação inquebrantável que une em eterno diálogo o ser e o mundo a que esse pertence.

Uma vez que já nascemos *dentro* do mundo – em que vivem os seres mais próximos de nós e que nos criam – vamos, ao longo da existência, aprendendo as significações mais comuns, que poderiam ser denominadas, neste caso, de senso comum. Uma visão de mundo que não é própria do indivíduo, mas fruto – embora sempre em tensão – da comunidade em que está inserido. Enfim, essa visão de mundo é o que o poeta nos informa para desaprendermos: oito horas por dia, de forma a podermos, posteriormente, refazeremos nosso mundo à nossa maneira, aprendendo que as coisas não são as coisas de sempre, que são coisas-em-criação, em eterna possibilidade de (re-)significação.

Assim, torna-se importante para o objetivo deste artigo dissertar sucintamente sobre o conceito de “ser-no-mundo” que Heidegger propõe em *Ser e Tempo*, sua *magna opus*, valendo-se, para tal empresa, de outra obra importante do filósofo alemão: uma preleção ocorrida no inverno de 1928-1929, intitulada *Introdução à Filosofia*, na qual Heidegger aborda conceitos-chave do livro do ano anterior, detendo-se em certas problematizações e explicações que não havia abordado textualmente. Tal conceito mostrar-se-á crucial para desvelar a beleza e

a força da poesia de Manoel de Barros, conforme apontado tenuamente nos parágrafos predecessores.

SER-NO-MUNDO

No início do terceiro capítulo de *Ser e Tempo*, Martin Heidegger (2007, p. 110-1) aborda a problemática do ser em relação ao mundo. O caminho mais simples seria "(...) elencar tudo o que se dá no mundo: casas, árvores, homens, montes, estrelas. Podemos *retratar* a 'configuração' desses entes e *contar* o que neles e com eles ocorre".

Contudo, de acordo com seu raciocínio, o simples listar de relações entre o ser e todas as coisas do mundo seria uma abordagem pré-fenomenológica, isto é, uma atividade comum a todas as áreas, exceto à filosofia que desejava provar válida. Importante ressaltar, neste caso, que profissionais de outras áreas constantemente analisam as relações entre o ser do homem e as coisas ao seu redor. Em outras palavras, outros profissionais não ignoram o mundo à volta do homem em seus ofícios diários. A questão heideggeriana vai além disso: ver o mundo como algo que nos circunda é manter-se atado ao pensamento pré-fenomenológico; é continuar acreditando que há um sujeito e que há objeto e que eles podem vir a se relacionar ocasionalmente.

A proposta do filósofo alemão mostra-se perspicaz, pois segue na contramão da corrente popular, uma vez que ele estabelece que o sujeito, nesta relação, faz parte do mundo de uma forma tal que ser e mundo são indissociáveis: um cria o outro em constante comunhão e embrenhar-se. Acylene Ferreira, professora de Filosofia na UFBA, afirma o seguinte acerca disso que:

Com este intuito ele introduziu o conceito de mundo como instância fundamental para romper com o esquema sujeito-objeto. Este rompimento se concretizaria na medida em que não se teria mais um sujeito frente a um objeto ou vice-versa, mas uma copertença de constituição entre o objeto (mundo) e o sujeito (homem). (2003, p. 250)

Além disso, o homem, pelo menos desde a Grécia Antiga (pelo que comprova a documentação e arquivamento da escrita), questiona sua origem e a si mesmo, enquanto pertencente a um lugar. Assim, a diferença entre os homens e os

outros entes, portanto, é que o homem habita o mundo enquanto *Dasein*, podendo perguntar-se acerca dessa relação que também envolve os outros entes (HEIDEGGER, 2007; 2008; MEIRELLES, 2007, p. 02) – embora esses não tenham condições de agir reflexivamente quanto ao seu estado no mundo. “Entretanto, o conceito de mundo não diz respeito apenas àquilo com que o homem (*Dasein*) mantém relação, antes significa um momento estrutural e, nesse sentido, constitutivo do homem”, ou seja, “quando dá-se o mundo simultaneamente dá-se o *Dasein* e demais entes e reciprocamente” (FERREIRA, 2003, p. 250).

Esse posicionamento filosófico de Martin Heidegger levou-o a denominar o homem como “ser-no-mundo”, enquanto os outros entes seriam denominados “seres intramundanos” (FERREIRA, 2003; HEIDEGGER, 2007, p. 112-3), pois tais seres estão presos à sua existência no mundo, sem poder refletir sobre ele – embora ajam sobre ele –, enquanto, por outro lado, o ser-aí “só pode descobrir o ente como natureza num determinado modo de seu ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2007, p. 113).

A partir desse ponto, Heidegger vai buscar definir o que denominou de “mundo circundante”, extrapolando a visão filosófica vigente desde Descartes, que via o mundo como *res extensa*, ou seja, como algo que existia fora do ser; uma noção, diz o filósofo, que parte da espacialidade (HEIDEGGER, 2007, p. 114), pois estabelece uma dicotomia entre sujeito (*res cogitans*) e objeto que inexiste à luz das concepções do filósofo alemão.

Indo além, Heidegger interroga-se acerca da compreensão do mundo: quando ela ocorre e como ela ocorre, já que, de acordo com Paul Ricoeur (*Apud* MEIRELLES, 2007, p. 04), “[o] que se deve precisamente reconquistar, sobre essa pretensão do sujeito, é a condição de *habitante* desse mundo, a partir da qual há situação, compreensão, interpretação”. Dessa maneira, habitar o mundo, a grosso modo, é um incessante interpretar esse mundo de forma a compreendê-lo, já que faz-se parte dele. Em outras palavras,

Isso quer dizer: toda compreensão e interpretação que o Homem faz no “mundo ôntico”, seja de um simples texto, seja de algo ocorrido com ele, qualquer exercício deste tipo já está ambientado em uma compreensão e interpretação mais originárias. (MEIRELLES, 2007, p. 07)

O texto assume caráter crítico neste ponto, já que ele é resultado de uma formalidade de apresentação de todo um emaranhado de nexos articulados previamente à feitura desse texto. Por conta disso, assume-se que textos sejam “coerentes” e “coesos”, ou seja, que possuam uma lógica interior que permaneça ativa ao longo desse texto além de, preferencialmente, serem formatados obedecendo-se a determinadas regras de conduta de forma a torná-los menos repetitivos e mais eficazes. Tais conceitos textuais dão-se sob a razão que rege o texto: o de ser compreendido, de preferência rapidamente, pelo seu receptor.

Quando alguém se depara com uma palavra, automaticamente remete-a a um tipo de dicionário interno, interpretando-a e apreendendo seu sentido automaticamente. Assim, o jogo da comunicação se dá. Contudo, quando a palavra em questão provém de uma poesia, a situação se complica, uma vez que o poeta propõe uma nova visão de mundo – a dele. Essa sua visão de mundo, fruto da sua mundanidade e das relações intercambiáveis que travou e trava com os seres intramundanos que o circundam, choca-se, muitas vezes, com a visão de mundo de quem não costuma pensar seu mundo – nem filosófica nem poeticamente.

Assim, Manoel de Barros surge como uma voz dissonante na poesia brasileira: enquanto poetas costumeiramente reinterpretem palavras, usando-as de formas inusitadas, o poeta supracitado reinterpreta as relações entre entes-*Dasein*-mundo em imagens que confundem o leitor, além de marcar tais reinterpretações com uma linguagem em que justamente a relação lógica única feita por ele. Em suas palavras:

VI

As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças. (BARROS, 2010, p. 300)

VII

No descomeço era o verbo.

Só depois é que veio o delírio do verbo.

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz:

Eu escuto a cor dos passarinhos.

A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor,

mas para som.

Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.

E pois.

Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos - O verbo tem que pegar delírio. (BARROS, 2010, p. 301)

As duas partes citadas, ainda parte do mesmo poema “Uma Didática da Invenção”, explicitam a relação entre o *Dasein* e os seres intramundanos, porém sob um prisma diferente: o da criança, em que o mundo está em formação. A criança, conforme mencionado anteriormente, não nasce com o mundo já pronto. Ela herda o mundo da comunidade em que está inserida; no entanto, essa herança ocorre ao longo de um tempo. Por isso ela diz coisas como “Eu escuto a cor dos passarinhos”, emulado na voz do poeta anteriormente no verso “Pegar na cor do peixe”. A criança e o poeta são fulgurações do *Dasein* heideggeriano: em que os entes com que têm relação perdem o sentido conferido a eles pela lógica humana e ganham amplitude de sentidos inimaginável. O existir desses seres desvela-se para o poeta e para a criança e isso transforma-se em linguagem poética: é o delírio do verbo. Afinal, como diz o trecho XIV desse mesmo poema: “Poesia é voar fora da asa”. Realiza-se a ação de voar, costumeiramente com asas (naturais, como nos animais; ou artificiais, como nos aviões), sem necessitar-se delas. As asas são, na verdade, a visão do *Dasein*, quando em contato com esse novo mundo de significantes à sua frente.

Assim, a intenção do poeta, conforme o primeiro verso do seu poema exposto na introdução deste artigo, é “apalpar as intimidades do mundo”, isto é, apalpar aquilo que não é palpável na frente dos outros, aquilo que não pode se dar às claras. Intimidades, afinal, significa uma especificidade; é justamente o que não se mostra; é aquilo que se esconde sob toda uma norma de conduta moral. O poeta, neste caso, deseja desvelar, no sentido heideggeriano do termo, o que foi encoberto ao longo dos tempos. Como ele diz no trecho XVI: “Há certas frases que se iluminam pelo opaco.”

Porém, linguisticamente falando, aquilo que foi desvelado incomoda a leitura por mostrar-se ainda codificado. Essa ilusão de código irrompe da ruptura e reinterpretação lógicas empreendidas pelo poeta nos versos seguintes: a faca que corta o esplendor de algo, a ambiguidade daquilo que é preparado para morrer (as violetas ou o dia?) ou mesmo, na voz do poeta: “Hoje eu desenho o cheiro das árvores.” (parte IX) e “Não tem altura o silêncio das pedras.” (parte X), dentre diversos outros trechos.

Manoel de Barros, nesse longo poema, constrói a sua visão de mundo com a utilização maciça de construções inter-sensíveis, manejando de forma

magistral ações e objetos de diferentes estados. Pode-se exemplificar com o verso “f) Como pegar na voz de um peixe” da parte I, já que o ato de pegar algo ocorre por intermédio da manualidade do ser: por possuir mão ou instrumento que a emule, pode-se vir a pegar algo. Existe, assim, concretude nessa ação, isto é, ela se mantém no nível do que é concreto. Porém, aquilo que se pega no verso é justamente o intangível: a voz, efeito físico fruto de vibrações sonoras de cordas vocais. Contudo, peixes são animais que não possuem cordas vocais, logo, a rigor, eles não entoam uma voz, embora possam vir a emitir sons. Desta maneira, o eu lírico propõe manualmente tocar algo que é intocável e proveniente de um ente que não pode fazer.

Tal desconstrução lógica empreendida pelo poeta choca-se com a visão de mundo mais comumente aceita, a qual foi discutida por Heidegger em *Ser e Tempo* (2007, p. 112), e que se baseia em uma forma mais simplista da linguagem. “Isto se dá enquanto a Linguagem ‘é a pronunciabilidade (*Hinausgesprochenheit*) do discurso’. Assim como os outros entes intramundanos, ela pode se tornar apenas mais uma coisa à mão” (MEIRELLES, 2007, p. 11). A Linguagem, portanto, torna-se instrumento para se viver de forma prática, torna-se mais um elemento visto como exterior ao homem – assemelhando-se aos demais instrumentos que são usados sem se aperceber deles.

Embora, conforme Meirelles demonstra na página seguinte do seu artigo, a Linguagem com “L” maiúsculo mostre-se diferente da cotidiana *justamente* por ser proveniente de um Discurso existencial (MEIRELLES, 2007, p. 12), a relação que ela aponta em Heidegger, a relação ôntica Ser<-->*Dasein*<-->Mundo, encontra-se presente na poesia citada. Essa diferença entre as duas linguagens é abordada pelo poeta, entre outros casos, na parte XIX de seu poema supracitado:

XIX

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.

Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa.

Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem. (BARROS, 2010, p. 303)

Depois de clamar pela linguagem da criança, que vê o mundo exterior a si quando a sua relação com esse mundo está em construção, no trecho acima, o eu lírico demonstra como a lógica humana, que categoriza tudo, inclusive e principalmente a linguagem, empobrece a realidade que se nos é apresentada. Não há como fugir da linguagem: o ser humano está fadado a ela. Porém, a linguagem não necessariamente precisa ser coagida pela lógica, pelo sentido, pelas obrigações de dizer e de como dizer. A imagem da cobra de vidro atrás da casa perde o encanto que atinge no seu desvelar perante o eu lírico a partir do momento em que alguém nomeia o fenômeno. A beleza das coisas, pode-se resumir grosseiramente, está na sua não nomeação, quando a sensação ainda se mostra mais forte e mais presente do que o seu sentido ou que sua classificação/rótulo/nome.

Por isso, pode-se dizer que a poesia de Manoel de Barros é um constante desvelar do mundo: os entes mostram-se fulgurações de suas existências e não palavras oriundas em dicionários. Não se pretende insinuar que as palavras não sejam importantes, afinal, o poeta vale-se do vocabulário da Língua Portuguesa para retratar suas imagens. O que se pretende afirmar aqui é que os entes são mostrados enquanto reluzem, enquanto fulguram; e, não, na forma plastificada e saturada da imagem dicionarizada padrão. As palavras perdem o sentido dicionarizado para possuírem um novo sentido, separado das páginas fossilizadas, mas em contato com elas também. Afinal, acerca do dicionário, o poeta reclama na última parte do seu poema:

XXI

Ocupo muito de mim com o meu desconhecer. Sou um sujeito

letrado em dicionários. Não tenho que 100 palavras.

Pelo menos uma vez por dia me vou no Moraes ou no Viterbo

- A fim de consertar a minha ignorância, mas só acrescenta.

Despesas para minha erudição tiro nos almanaques:

- Ser ou não ser, eis a questão.

Ou na porta dos cemitérios:

- Lembra que és pó e que ao pó tu voltarás.

Ou no verso das folhinhas:

- Conhece-te a ti mesmo.

Ou na boca do povinho:

- Coisa que não acaba no mundo é gente besta e pau seco.

Etc.

Etc.

Etc.

Maior que o infinito é a encomenda. (BARROS, 2010, p. 304)

Impressionante que ao mesmo tempo em que o poeta rivaliza com a linguagem do dia a dia, racionalizada e classificada ao longo de milênios de civilização – e de séculos, no caso da nossa língua em questão – ele mostra com facilidade que a chave para resolver essa questão encontra-se no próprio cotidiano. Afinal, o problema não reside no mundo em si, mas na relação entre o *Dasein* e esse mundo. O mundo é parte constitutiva de nós, enquanto nós somos partes constitutivas desse mundo. É uma relação simbi-ôntica, para brincar com o termo. A crítica do poeta, portanto, alveja aquilo que fossilizou nossa relação do mundo, pluralizada de possibilidades novas de relações sujeito-objeto: o dicionário e, poder-se-ia adicionar à enciclopédia, fontes condensadas de saber.

Não há espaço neste artigo para acessar as formas institucionalizadas do saber, nem as questões levantadas por Martin Heidegger quanto a isso³, porém, pode-se perceber claramente que o poema de Manoel de Barros ensina o leitor a fugir das relações fossilizadas que nos são passadas por aqueles à nossa volta e não é leviano atentar para o fato de que tais relações foram criadas pelas formas e pelas instituições de saber, que as elegeram e as colocaram em prática, moldando a visão de mundo da população – independente se fruto de avanços do conhecimento científico ou da força de apropriação da fé religiosa.

Assim, o poema “Uma Didática da Invenção” pode também ser lido como um libelo contra o linguajar estipulado por aqueles que querem manter a ordem. Não se pretende defender que seu poema tenha viés político, mas sim, que política é também feita de discurso automaticamente. E que há discursos defendidos e discursos atacados. O eu lírico, digamos, defende uma relação mais livre entre o sujeito e o mundo, de forma a criar continuamente novos sentidos e significados, ou seja, um clamor contra a mesmice do lugar-comum. Seu poema, portanto, ensina o leitor a brincar de invenções, a resgatar um momento do qual não se lembra facilmente: quando se inventava o que chegava a ele pelas sensações, quando seu raciocínio lógico – ou “saber calculativo”, para usar um termo caro a Heidegger – ainda não havia sido a florado pela comunidade. Um

³ Como por exemplo, no texto “Sobre a Questão da Técnica”, em que o filósofo extrapola a relação entre o ser e o mundo, focando no exemplo da ponte e da relação que foi perdida entre o homem e o objeto de sua criação para uma nova relação, cheia de significados utilitaristas e, por que não, monetários. (HEIDEGGER, 2006).

elogio à vida e aos entes que povoam o mundo. Uma ode a um mundo que sempre pode vir a existir: precisamos apenas querer inventá-lo.

CONCLUSÃO

Sendo assim, tentou-se resumidamente acessar e dissertar sobre o conceito de ser-no-mundo, conforme proposto por Martin Heidegger em *Ser e Tempo* para dar suporte à leitura do poema “Uma Didática da Invenção”, presente na obra *O Livro das Ignorãças*, de Manoel de Barros. A força desse conceito reside no fato de que costumeiramente as pessoas perdem-se no mundo que as circunda, relacionando-se *com* ele sem perceberem. Por outro lado, filosoficamente refletindo-se acerca dessa questão, percebe-se que desde seu surgimento o Ser está incluído no mundo, assim como o mundo pertence, igualmente, ao Ser.

Heidegger, assim, estipula suas noções de mundanidade e manualidade para clarificar que o *Dasein*, ou ser-aí, é, desde sempre, ser-no-mundo, explicitando a relação ininterrupta e inescapável do ser com o mundo que o circunda. Essa relação, por fim, mostra-se presente na linguagem usada cotidianamente e filosoficamente; esta revela a relação entre o mundo, os entes e o ser-aí.

A poesia de Manoel de Barros abarca tais questionamentos uma vez que ele desconstrói as ligações lógicas presentes na linguagem cotidiana e instrumentalizada pelas pessoas comuns. Por isso, o poeta consegue efeitos que revelam a relação entre o ser e o mundo, como a nova (re-)apresentação de termos que correspondem à sua visão de mundo, diferente, é claro, da visão de mundo daqueles que o leem. Seus jogos poético-linguísticos, portanto, podem ser vistos também como uma tentativa de reflexo poético das reflexões heideggerianas.

Além disso, a “(...) ficção se faz indispensável na medida em que as práticas rotineiras e os saberes modernos não são suficientes ao homem. Este precisa (re)inventar, ludibriar a realidade e criar versos que alarguem seu mundo, numa clara tentativa de dar sentido a sua existência”, argumentam Pablo Andrade e Rosimeire Medeiros (2011, p. 01). Essa vida classificada de antemão e que nos circunda nos cansa e nos castra. Sendo assim, diz Manuel de Barros na parte XIII, “As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis:/Elas desejam ser olhadas de azul(...).” Por isso, continuando com a dupla de pesquisadores citados acima (ANDRADE; MEDEIROS, 2011, p. 01),

A poesia de Manoel de Barros expressa sutilmente toda a insatisfação do homem moderno diante da vida que socialmente lhe é imposta. Seus poemas vão contra a arbitrariedade, o “lugar comum”, dessa maneira, estão livres do discurso cotidiano, construtor da ordem.

O objetivo deste artigo não foi o de ensinar a significar o mundo, mas sim, o de mostrar que mundo é aquilo que o sujeito entende e constrói como mundo, e que a beleza e a força de uma poesia encontram-se justamente na problematização dessa relação: no fazer balançar os conceitos que o leitor já tem previamente formados, em espantá-lo – no *thauma*. A existência humana de reflexão, tão cara a todos nós, começa pelo *thauma*, matéria-prima da melhor poesia.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Pablo; MEDEIROS, Rosimeire. Uma Didática Da Invenção: A Poética Das Ignorâncias. **Anais da Semana de Humanidades XIX**. CCHLA, UFRN, jun. 2011. Disponível em <<http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/>>. Acessado em 23 de Janeiro de 2013. [s/p].

BARROS, Manoel de. O Livro das Ignorâncias. In: BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: LeYa, 2010. Pg. 297-324.

FERREIRA, A. M. C. O destino como serenidade. **Sintese**, Belo Horizonte, MG, v. 30, n.97, p. 249-262, 2003. Disponível em <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/issue/view/283>>. Acessado em 23 de Janeiro de 2013.

HEIDEGGER, Martin. Questão da técnica. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Bragança Paulista; Petrópolis: Ed. Universitária São Francisco; Ed. Vozes, 2006. Pp. 11-38.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** [1927]. 2ª. Ed. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia** [1928/1929]. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MEIRELLES, L. A Questão da Linguagem em *Ser e Tempo*. **Revista Ética e Filosofia Política**, revista do Departamento de Filosofia da UFJF, Juiz de Fora, Volume 10, Nº 2, Dez. 2007. Disponível em: <http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2009/11/10_2_laura.pdf>. Acessado em 23 de Janeiro de 2013. Pp. 01-15.

Recebido: 22/06/2013

Aceito: 17/08/2013